

# Mercado externo aplaude

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON – Autoridades do governo dos Estados Unidos e do Fundo Monetário Internacional – que durante a quinta-feira recomendaram ao Brasil não interferir nos mercados de câmbio após a desvalorização de quarta-feira, pois isso seria um exercício fútil que levaria ao desperdício do que ainda restava das reservas do país – consideraram ontem a decisão do Banco Central como positiva, a princípio. Um porta-voz do Fundo Monetário Internacional disse que a instituição estava em contato com autoridades brasileiras antes da decisão de não intervir nos mercados de câmbio e que “essa medida parece ter sido sábia para parar a perda de reservas.”

Mas em todos os setores, economistas, analistas e funcionários dessas instituições alertavam que a mudança da política cambial não pode, por si própria, resolver os problemas financeiros do Brasil, no longo prazo. O professor de economia da Universidade de Chicago José Alexandre Scheinkman disse ao **JORNAL DO**

**BRASIL** que “nenhuma dessas mudanças na política de câmbio pode esconder o fato de que as reformas fiscais ainda são muito necessárias para que o Brasil encontre uma estabilidade econômica”. Segundo Scheinkman, é impossível saber o que vai acontecer com a economia e com o real até que o governo se pronuncie novamente na segunda-feira sobre a nova política cambial.

**Preocupação** – O presidente Bill Clinton teve uma reunião ontem com seus assessores para assuntos econômicos durante a qual foi informado da situação no Brasil, que funcionários do governo americano estão tratando com a maior seriedade. A vice-presidente do *Federal Reserve Board*, Alice Rivlin, disse numa entrevista à agência de notícias Reuters que o banco central dos Estados Unidos está vendo a situação no Brasil com muita preocupação. Mas afirmou que não espera uma reação imediata do FED, como uma redução das taxas de juro nos EUA, para proteger empresas americanas que serão prejudicadas pela queda das exportações.

Em Boston, o vice-diretor do

FMI, Stanley Fischer, disse que as conversas previstas nesse fim de semana com o Ministro da Fazenda, Pedro Malan, devem focar o que ele considera a “questão muito delicada”: até que ponto o governo pode flexibilizar o real sem desestabilizar a economia? A questão, disse, “estará absolutamente no topo de nossa agenda.” O FMI deve propor ao Brasil que o governo mantenha as taxas de juro elevadas para continuar atraindo capital até que o real encontre o seu piso. Essa política, de flutuação da moeda ao lado de uma política monetária rígida, foi implementada com sucesso pela Coreia do Sul no ano passado, estancando a queda da moeda local.

O *The New York Times* informou ontem que na quinta-feira, quando as bolsas do Rio e de São Paulo estavam em queda livre, o Secretário do Tesouro dos EUA, Robert Rubin, falou longamente com o presidente Fernando Henrique Cardoso, enquanto o subsecretário Larry Summers conversava com o ministro Pedro Malan. A mensagem – de que não adiantaria defender a moeda – foi bem clara. E o recado, segundo o

jornal, não foi dado com muita boa vontade, já que funcionários do governo americano e do FMI estavam furiosos no início da semana quando foram pegos de surpresa pelo Brasil com a queda de Gustavo Franco e a mudança “insustentável” na política de bandas. Summers cancelou uma viagem que estava agendada há muito tempo para a Ásia, na semana que vem, para continuar “cuidando” da crise no Brasil.

O FMI também garantiu ontem que está preparado para apoiar o México e a Argentina, com os recursos necessários para suportar a turbulência provocada pelo Brasil. No México, o ministro das finanças, José Angel Gurría, tentou colocar a melhor face possível na nova realidade da região. Segundo ele, a desvalorização no Brasil “remove muita incerteza” sobre as economias da América Latina, e “certamente trará muito investimento estrangeiro.” Gurría disse esperar que o efeito seja uma queda nas taxas de juro do México, que aumentaram para quase 50% no ano passado, quando o Brasil começou a ser atacado por especuladores, e estão atualmente perto de 30%.